

# USO DO DINHEIRO EM RITUAIS NA HISTÓRIA DO POVO LAIMBWE, CAMARÕES

Henry Kam Kah<sup>1</sup>

## Introdução: metodologia, objetivos e relevância do estudo

Nas cerimônias de iniciação, demonstrações de riqueza material e dinheiro frequentemente dão às pessoas um novo valor, uma aliança ou um posto nas comunidades tradicionais africanas. Cerimônias também marcam a maturidade social e a passagem da infância para a vida adulta para homens e mulheres. A alteração do nível social realizada por meio de cerimônias de iniciação, também auxiliam na construção e na legitimidade da autoridade que permeia a vida cotidiana da comunidade. Essa iniciação a uma posição social é feita com pagamento de taxas ou no pagamento de uma penalidade, caso o novo membro rompa com suas leis. Muitas instituições de homens e mulheres na África Subsaariana definem esse status dentro de sua esfera de influência. Tais instituições existem entre os Kaguru, Lovedu, Ndembu, Wagenia Kuranko, Nuer, Bemba na Tanzânia, África Austral, República Democrática do Congo, Serra Leoa, Sudão e Zâmbia respectivamente. Cerimônias de iniciação na vida adulta, em associações de medicina/cura ou posto político, em geral, dão às populações africanas um novo status, uma associação ou um ofício (Kratz 1997, 378). Algumas elites educadas que aspiram a posições políticas a nível nacional se tornam membros dessas instituições tradicionais para enfrentar as disputas. Outros se tornaram personalidades proeminentes em suas comunidades por que eles lideravam algum ritual e instituição tradicional. Filiar-se a essas organizações envolve a acumulação de bens materiais e dinheiro.

Em várias comunidades africanas, em particular em Camarões, diferentes itens foram demandados e providos para rituais e outras

---

<sup>1</sup> Departamento de História, Universidade de Buea, Buea, Camarões. Email: henry.kah@ubuea.cm

cerimônias de iniciação em um passado distante. Estes, ainda são usados hoje em dia, mas em escala cada vez menor. Casamento em Camarões e em outros lugares da África (antes e durante os primeiros anos da colonização) envolviam serviços no campo, serviços escravos, provisões de petróleo, sabão, vestidos, cobertores, guarda-chuva, intercâmbio de presentes, responsabilidades mortuárias, transferência de gado (como entre os Tukana do noroeste do Quênia), miçangas, ouro, cobre, bronze, barras de ferro e cauris (Nkwi 1987 48; Fanso 1989, 65; Moore and Vaughan 1994, 157; Yiridoe 1995, 17-32; Peters-Golden 1997, 7; Hamisu 2000/1, 66; Ikpe 2004, 6; Ohta 2007, 3). Alguns itens, como cauris, barras de ferro, miçangas, ouro, cobre e bronze serviam para um duplo propósito, isto é, como moeda e como *commodities* (Vansina 1990, 155 e 206).

Contribuições materiais ainda têm um importante papel nos rituais de iniciação, mas a introdução do “rei dinheiro” durante o contato com os europeus tiveram impactos na contribuição material e monetária usadas nos casamentos. Entre os Akan, de Gana, casamentos do período colonial envolviam provisões de duas garrafas de vinho de palma ou entre 30 cedis, 32 cedis ou 200 cedis, dependendo do status social da noiva. Em alguns casos, os homens entregavam presentes como um baú, uma bíblia (caso fosse cristão), garrafas de rum, cerveja e outras bebidas para as mulheres com quem eles queriam casar. Enquanto vinho de palma era usado como bebida para homenagear os ancestrais, rum era usado para apaziguar a família, as divindades e os antepassados (Quarcoopome 1987, 122). Em diferentes áreas a monetarização do noivado enfraqueceu a estabilidade do casamento, ameaçando as relações sociais, introduzindo valores sociais corruptos e novas identidades, status, trabalhos e obrigações (Moore and Vaughan 1994, 157-8; Peters-Golden 1997, 7). Em outro lugares, como no sudoeste da Nigéria, os britânicos introduziram a moeda corrente e a monetarização da economia gerando problemas de transição e de ajustes durante o período colonial (Falola 1997, 122). Esse cenário se manteve até esse século, quando o conjunto das relações sociais anteriormente fortalecidas pelo comércio regular de serviços foi substituído pelo “rei dinheiro”. O resultado ameaçou a estabilidade do sistema social de diversas formas.

Por toda a África, a iniciação nas instituições estiveram pesadamente fundadas nas contribuições materiais que envolviam bens dos europeus e as moedas de circulação que eles introduziram. No tripé da adivinhação dos Yamba do noroeste de Camarões, Grasslands, os alunos de adivinhação fazem pagamentos em dinheiro, galinhas, pequenos potes de cozido e muito vinho de palma para seus mestres. Quando o mestre ficava satisfeito com as habilidades dos alunos para manipular as cartas, um pagamento final era requerido. Esse pagamento na virada do último século estava em

torno de £3 (Gufler 1995, 53). Enquanto isso, a iniciação de novatos no Dugi ou de médicos entre os Pere, no Camarões, agora envolvem dinheiro, muito diferente de antes. Esses noviços pagam simbólicos 25 francos CFA e, depois de seu treinamento, pagam mais 25 para o Dugi de ofício. Para segurar os membros no último estágio do ritual, cada um dos iniciantes pega três pedaços de madeira (Pradelles de Latour 1995, 84-5).

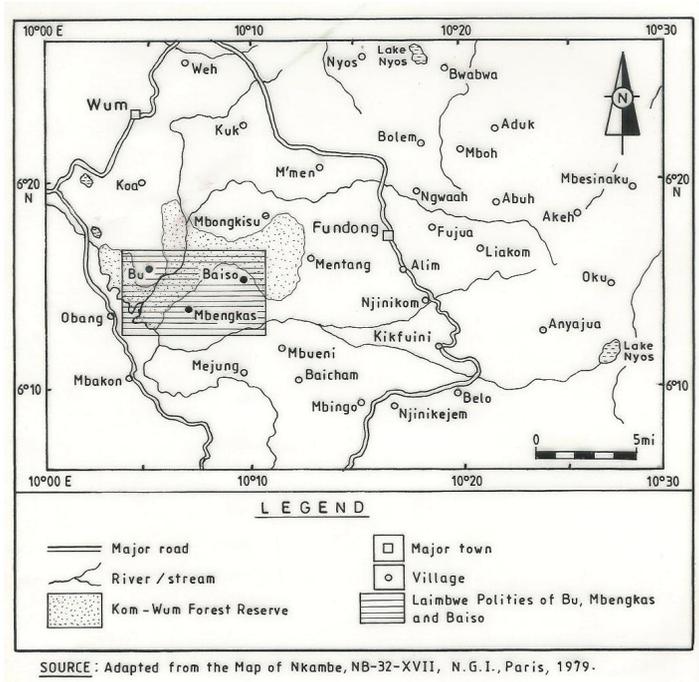
De forma semelhante, a iniciação de meninos na sociedade Poro ou das meninas na sociedade Sande acontecem com o pagamento de taxas de iniciação. A taxa para o Sande é dinheiro, tecido ou outra *commoditie* (Quarcoopome 1987, 119). No passado, entre os Yoruba, a iniciação na sociedade Ogboni incluía sacrifícios humanos mas, desde a era colonial, galinhas passaram a substituir esses sacrifícios (Quarcoopome 1987, 182). Esses exemplos mostram a crescente importância do dinheiro na iniciação e em outras atividades ritualísticas a partir do período colonial. Atualmente, muitas sociedades que precisam de novos integrantes acabam flexibilizando suas demandas materiais em troca de dinheiro para poder empregá-lo no desenvolvimento socio-econômico da comunidade.

## Área de estudo

O povo Laimbwe está localizado na região noroeste de Camarões (Veja o mapa). As políticas Laimbwe estão divididas difusamente em três na região entre Menchum e Boyo. Bu é a mais ampla e Baisso é a menor, além de ser um ponto de referência para as tradições e costumes Laimbwe. O censo estatístico para Bu, Mbengkas e Baisso no momento da independência era de 1.118, 530 e 185, respectivamente. Em 1979, a população Bu era de 6.944 com uma força de trabalho de 2.701, enquanto que os Mbengkas eram 1.978 e a força de trabalho estava em torno de 900. A estimativa para a população de Baisso, em 1993, era de 500 pessoas (Shultz 1993, 10). As projeções da população Bu apontam que ela deva alcançar 17.000 habitantes por volta do ano 2025 (Strategic Plan of the Wum Council 2009-2014). Mbengkas é uma colônia entre Bu e Baisso e é a segunda em população<sup>2</sup>.

2 NW/Ac. 1960/1/Bk, Historical Notes Bamenda Grassfields, Regional Archives Bamenda (RAB); NW/Qc/b. 1979/4/Bk, Annual Report 1979/1980 of the Divisional Delegation of Agriculture Menchum Division North West Province, RAB.

### Imagem 1: Seção transversal das divisões Menchu/Boyo mostrando as políticas Laimbwe



O Mbengkas não é acessível nem pela rede rodoviária de Baisso nem de Bu por causa da topografia difícil e ondulada. Desde o fim dos anos 1970, as pessoas tem feito diversas tentativas de desobstruir a área, mas sem muito progresso, devido as dificuldades de financiamento e pela atitude ilícita de algumas das suas elites. Embora essas elites tenham se engajado na escavação e manutenção das rodovias em quase todos os anos, isso não produziu os resultados esperados<sup>3</sup>. As esperanças se renovam, no entanto, a partir de dezembro de 2015 com uma nova tentativa de desobstruir a área iniciado pela Organização de Desenvolvimento e Cultura dos Mbengkas (MBEDECO, sigla em inglês).

A divisão política dos Laimbwe é limitada ao norte e ao nordeste por Mentang, Teitengem, Ehwi-njong, Endeng e Mughom. A cidade de Mentang fala Kom e faz fronteira com Baisso, enquanto que Mughom, formalmente

3 File No. NW/Qc/b. 1979/4/Bk, Annual Report 1979/1980 of the Divisional Delegation of Agriculture Menchum Division North West Province, RAB; File No. NW/Qb/a. 1985/6/Bk, Diagnostic Account of the Economic, Social and Cultural Situation of the Menchum Division since the Inception of the 5th Five Year National Economic, Social and Cultural Development Plan, RAB. Os esforços frenéticos são atualmente feitos pela administração Boyo para vincular Mbengkas a Fundong através de Baisso e Mentang.

sob o domínio dos Mbengkas, agora procura proteção dos Kom (Lah 1989, 2)<sup>4</sup>. O grupo étnico Aghem faz fronteira com o território ao sul, ao leste e ao sudeste dos Mbakong (milha 28), Obang (milha 30), Ndung (milha 34), Aguli (Kekuli) e Befang, uma rodovia economicamente viável para junção de aldeias e o acesso para o Vale Menchum subdivisão de Bamenda, capital da região noroeste do Camarões. Os três primeiros assentamentos são vilarejos com fronteira ao sul de Bafut, subdivisão de Mezam. Ao oeste região dos Laimbwe estão os vilarejos de Kuk, Bafmeng e Mbongkesso.

Baisso está localizado próximo da borda oeste de Kom e próximo a Reserva Florestal Kom/Wum. Bu está separado das outras duas regiões Laimbwe pelo rio Mateh e pela reserva florestal Kom/Wum. Shultz (1993) afirma erroneamente que Bu era uma vez uma aldeia de Kom que agora está sob Wum, mas está certo quando ele argumenta que poucas pessoas do Bu falam e entendem Kom. O Mbengkas, por outro lado, está localizado no sudoeste da fronteira Kom e dentro da Reserva Florestal Kom/Wum. Como um todo, o território Laimbwe localiza-se entre as latitudes 6° 50' Norte do Equador e a longitude 10° 10' Leste do Meridiano Greenwich. Eles são um povo com particularidades próprias.

Os Laimbwe como outros grupos étnicos das regiões oeste e noroeste são considerados um povo semi-falante de Bantu. Eles pertencem a linhagem ancestral dos Tikars que tem suas origens nos Ndobó e Bankim na região Adamawa do Camarões (Amaazee 1964, 54; Muam 1999, 2; Cheng 1996; Ngwoh 2006, 14-15; Asang 2008). Estudos sobre os Tikar, terminologia contestada nos dias atuais (Jeffreys 1940, 32; Jeffreys 1952, 141-53; Chilver and Kaberry 1996, 249-57; Fowler and Zeitlyn 1996, 1-16), excluem qualquer menção de que os Laimbwe eram formados por grupos Tikar da região nordeste do Camarões (Mafiamba 1969; Nkwi 1987, 15 e 23; Fanso 1989, 35).

Os Laimbwe se dedicam a cultivar alimentos e ao comércio de milho, inhames, arroz e café. Eles também se envolvem em outras atividades como caça, pesca e a extração de árvores. A sua estrutura política-social é centralizada e similar a estrutura matriarcal dos povos Kom, Kuk e Bafmeng, mas não são similares a linhagem Aghem que são uma confederação de governos semi-autônomas. A língua *laimbwe* é falada nas três principais regiões de Bu, Mbengkas e Baisso. Esse idioma é falado

4 A questão do desentendimento e discordâncias entre H.R.H. Fon Yibain James de Kom e o chefe Kpwai II Clement Toh de Mbengkas chefiada por Mughom Chieftaincy/Kwifondom entre 18 de maio de 1990 e 29 de maio de 1994; Minutas da reunião realizada no escritório da divisão Fundong em 31 de janeiro de 1991 no tocante a disputa entre o chefe dos Mbengkas e o chefe dos Mughom na cidade de Mbengkas. Outros assentamentos sob influência dos Mbengkas incluem Teitengem e Endeng, mas esses assentamentos também se aproximaram culturalmente do Vale do Tingoh e Obang.

também nas regiões de Mughom, Endeng, Teitengem, Aguli e Mbongkesso nos governos e nas aldeias. Embora Mughom, Endeng, Teitengem e Aguli falem uma variante da língua Widikum, Mbongkesso combina também Laimbwe e Itanghi-Kom como o resultado de uma mistura de culturas nas fronteiras da Reserva Florestal Kom/Wum. Essas aldeias valorizam a cultura, o que explica a popularidade da iniciação nos costumes culturais.

## Iniciação nos costumes

Existem muitos rituais ou organizações tradicionais entre os Laimbwe que incluem sociedades de mascaradas, casamentos e outras associações, mas nosso estudo estará baseado na mais importante dessas organizações de homens e mulheres.

### *Tschong*

*Tschong*, uma organização de tambor de fricção é uma das mais prestigiosas entre os homens mais velhos do Laimbwe. No passado, isto é, antes da colonização, as famílias davam amparo aos idosos para facilitar a iniciação no *tschong* com presentes materiais, como feijões. Entretanto, isso tem mudado com o crescimento do individualismo e a busca por ganhos pessoais. Algumas pessoas tem visto a iniciação dos anciãos no *tschong* como um peso. Aqueles que buscam a iniciação no *tschong* precisam completar uma série de condições antes de serem abalizados. Eles geralmente começam o processo buscando cinco cabras para seus pais ou herdeiros. Esse procedimento serve para limpar os caminhos para a introdução desse novo membro (Buhghebei 2007; Wakem 2007; Kom 2008; Kendang 2008; Chief Kpwai II 2008; Kpwa 2008; Ngeh 2009; Sei 2009; Zoh 2009). Na Era colonial, os povoados decidiram reduzir o número de cabras necessários para a iniciação dos membros, substituindo-as pela introdução da libra esterlina britânica. Atualmente, quem procura admissão no *tschong* deve dar ao pai a soma de cinco mil francos CFA ou cinco sacos de sal, cada um representando uma cabra para o povo Laimbwe (Kom 2008; Ngoh 2009).

Seguindo com o encontro e a apresentação das cabras ou dos sacos de sal ao pai, o novo membro deve entregar duas cabras ao membro mais antigo do *tschong* pela hospitalidade. Esse é o passo inicial do ritual de iniciação. Quando o dinheiro foi introduzido como um meio de troca no período colonial, os novos membros passam a substituir algumas cabras por duas libras. Não se sabe ao certo a quantidade exigida, durante o período de administração germânica. Além disso, as pessoas também começaram a criar cabras não apenas para os rituais de iniciação, mas também para

a venda. Após a independência dos britânicos, o sul do Camarões quis reunificar a República de Camarões, dia 01 outubro de 1961, levando a mais inovações nos pagamentos dos rituais de iniciação. A partir disso, os novos membros deveriam dar dois mil francos CFA ou dois sacos de sal. Esses membros eram, então, levados ao *mbai-azung* ou a um cercado de *tschong* para o ritual apropriado (Kahghesah 1997; Ngong Mathias 1997; Ndong Teacup 2008). No cercado, eles eram apresentados a dois porcos e a varas de pesca ou *kembou*, *eh'mbou* e aos girinos, a iguaria preferida dos *Isile*. Atualmente, o sacerdote do *mbai-azung* frequentemente pede aos novos membros uma soma de cinco mil ou mais e galos, para o ritual que eles apresentam durante a cerimônia do *mbai-azung*.

Na época pré-colonial e no início da colonização, após a cerimônia *mbai-azung* cada um dos novos membros eram esfregados com carne pelas mulheres mais velhas começando o que era chamado de “busque a bolsa *tschong* de seu pai” (Kom 2008). Isso significava que para serem avaliados se poderiam entrar no status de adulto ou de nobres no costume *tschong* eles deveriam retornar aos seus pais para dar-lhes mais presentes como cobertores, sal e carne selvagem. Alguns pais, contudo, poupam seus filhos desse peso a fim de que eles tragam mais presentes depois do ritual *mbai-azung*. Outros, especialmente os que não são membros do *tschong*, recebiam esses presentes adicionais e abençoavam a criança que se tornava adulta. A busca pela bolsa do pai era, contudo, um dos aspectos mais importantes da iniciação da sociedade *tschong* nas terras Laimbwe.

À mãe ou irmã do pai (tia) do novo membro dos *tschong* era, e ainda é, dada uma peça de roupa durante a cerimônia de iniciação. Essa é uma honra da paternidade entre um povoado matriarcal. Ela coloca colares no pescoço do filho ou do sobrinho. Isso acontece após haverem esfregado madeira segundo o ritual *mbai-azung*. Essa mãe ou irmã do pai do novo membro é quem inicia o exercício de esfregar o iniciante com madeira e os outros parentes ou as outras pessoas da comunidade seguem o exemplo dela (Buh 2008; Ekai 2008; Ewi 2008; Izhoi 2008; Kule 2008; Ngoisey 2008). O reconhecimento dela e seu papel preponderante no ritual era e continua sendo o respeito de acordo com a paternidade matrilinear entre os Laimbwe do Camarões. Membros da *isaa'enduoh* (linhagem) dão presentes em dinheiro ou materiais para o novo membro iniciado do *tschong*, para apreciar o fato de eles atingirem o status de homens, a dignidade e a influência na comunidade (Tsche 2007; Tschi 2008; Wei 2009). De modo geral, durante o período pré-colonial a maior parte dos presentes eram em espécie, pois as pessoas apreciavam muito a importância dos bens materiais naquele tempo, como cabras, galinhas e porcos que eram consumidos no ritual ou mantidos pelos membros *tschong* para procriação.

Possuir um *tschong* significa a passagem por um processo. Qualquer adulto que queira possuir um para seu *isaa'endouh* ou sua linhagem pode fazê-lo. A pessoa que deseje possuir um *tschong* precisava do apoio de seu *isaa'endouh* para entreter o povoado com comida e bebida. Muitos de *ehsaate'nduoh* ou *eh'nduoh* (linhagens) menores achavam difícil conseguir um *tschong* para si, por causa do custo envolvido. Outros, desde os anos 1980, são veementemente contra possuir ou solicitar a iniciação no *tschong*, com o argumento de que essas sociedades servem apenas para comer, beber e contribuir para a fome (Ngai 2007; Muhnjang 2008; Kpwai 2008). Isso é, no entanto, contestado pelos membros da *tschong* que argumentam que com o *tschong* vem influência, status, bênçãos e oportunidades para os seus membros. Além disso, é uma forma de valorizar a cultura popular, a qual, se for bem utilizada, pode promover o turismo patrimonial ou cultural no território Laimbwe.

A iniciação no *tschong* acontece em três estágios principais, que incluem o *quekezung*, *ikoi-azung* e *tshuka-azung*. O *quekezung* envolve a preparação de comida para os membros do *tschong*. No *ikoi-azung* o novo membro prepara feijão para os outros membros já possuidores de *tschong*, no *tshuka-azung* o novo *tschong* prepara feijões esmagados em óleo vermelho. Isso é consumido apenas por membros do *tschong*, pois há uma mistura com alguns medicamentos. Se algum membro não puder comer todos os feijões, o que sobrar é jogado fora por que deve conter substâncias envenenadas. Fora o clube de prestígio *tschong*, há as sociedades regulatórias *kuiifuai* que envolvem na iniciação a utilização de bens materiais e dinheiro.

### *Kuiifuai/Andzjom*

A sociedade regulatória dos *kuiifuai* é uma importante comunidade para os homens dos vilarejos Laimbwe, sendo os do povo Bu mais reverenciados do que os do povo Mbengkas. Os *mu'ukuum* do Baisso também são bastante respeitados como *kuiifuai* (Afuah 2008; Ache 2008; Bong 2008; Zoh 2009). Contudo, em alguns lugares os *kuiifuai* são chamados de *andzjom*, porém isso é um erro, pois esse último é apenas o primeiro dos três níveis da sociedade *kuiifuai*. Os outros dois níveis depois do *andzjom* são *ehteighetschuuuh* e *ikuum*. O *kuiifuai* não é propriedade de uma pessoa, mas é uma liderança provinda da linhagem matrilinear de Eselemei nos vilarejos de Bu e Mbengka.

Nos vilarejos Bu, a linhagem matrilinear Ehzem é muito importante na iniciação e em outras atividades pertinentes dos *kuiifuai* como fundadores do *fondom* e do Eselemei, uma das famílias reais da cidade (Ngai 2007; Wakem 2007, Kpwa 2008; Akou 2008; Ngong 2008). Essa sociedade funciona com base no consenso popular e mantém a justiça, paz, progresso

e estabilidade no Laimbwe por meio de chefes de família, notáveis ou outros membros da sociedade. Os iniciantes no *kuiifuai* são financeira e materialmente mantidos pelos *isaa'endouh* e amigos. No período pré-colonial, seus *zheh'abei* (chefe de família) ou qualquer membro sênior da família eram apoiados material e financeiramente na sua solicitação de adesão ao *kuiifuai*, diferente de agora, com o crescimento do individualismo e o declínio dos encontros familiares.

Várias são as condições que determinam a entrada de um homem no *kuiifuai*. O futuro candidato no primeiro nível ou primeiro estágio do *kuiifuai*, conhecido como *ekehghekuiifuai*, começava o processo quando persuadia um membro sênior com cerveja de milho ou cerveja. Quando a candidatura do pretendente fosse aprovada pelos anciãos, eles discutiriam abertamente a introdução desse novo membro na comunidade durante encontros fechados. Então, era solicitado ao candidato um pagamento ao líder dos *kuiifuai* de alguns xelins<sup>5</sup> no período colonial ou 1000 francos no período pós-independência (Kom 2008). No período pré-colonial o pagamento era feito geralmente na forma de bens.

Mediante o pagamento das taxas na data acordada, o candidato apresentava três cabras, um saco de arroz ou 5000 francos. O arroz tornou-se uma *commoditie* importante nos rituais durante o período colonial após ele ser introduzido no território Laimbwe, em 1953, importado de Abakaliki, na Nigéria, pelos britânicos (Ambei 2008; Ndong 2008; Kom 2008; Ngai 2008). Os membros do *isaa'enduoh* apoiavam o novato especialmente durante os períodos pré-colonial e colonial, devido a necessidade de manter a unidade e o orgulho da família. Hoje isso é feito parcialmente, pois muitas pessoas romperam com as tradições. Essas pessoas não auxiliam os idosos durante o processo de introdução *kuiifuai* pois, consideram esse ritual paganismo. Durante o período pré-colonial e grande parte do período colonial os pagamentos eram uma bacia de feijão para complementar as cabras (Ambei 2008; Kom 2008). Isso era e ainda é considerado o primeiro passo para se tornar membro *kuiifuai*. Todos os novos membros são iniciados após a cerimônia funebre de um membro, não há nenhuma iniciação ordinária.

O próximo passo é o alojamento *kooh*, *andzjom* ou *ehteighetschuuu* (*tschu-ibhuh*). Essa é uma posição de luxo, fama e influência entre os Laimbwe. O candidato que pede para iniciação no *andzjom* fazia uma contribuição de um porco grande, quadro galinhas saudáveis e 2000 francos, dependendo do caso. Atualmente, 20.000 francos são exigidos no lugar do porco. Antes da independência, a moeda para a iniciação era a libra

<sup>5</sup> Moeda regional, nota de tradução.

esterlina, hoje, contudo, é o franco CFA. Por diversos motivos, muitos dos anciãos do *andzjom* atualmente preferem a quantia de 20.000 francos para repartirem o dinheiro na compra de produtos de necessidades básicas e em investimentos como na educação, na água e na construção de pontes para a comunidade (Kahghesah 1997; Kom 2008).

Os membros do *ikuum* (*tschu-ituoh*), o terceiro e mais alto nível do *kuiifuai*, se mantém muito seletivo. Apenas alguns anciãos das cidades Laimbwe são membros do *ikuum*. A iniciação desse nível no período pré-colonial e colonial era feita a noite e antes da sua realização as mulheres limpavam o local do ritual. A iniciação era organizada apenas quando poucos membros do *ikuum* estivessem ainda vivos, nela esses anciãos deveriam/devem ensinar aos novos membros formas, segredos e mistérios da sociedade antes de sua morte (Ngai 2007; Wakem 2007). Essas práticas têm sobrevivido entre os Laimbwe até o século XXI.

Para entrar no *ikuum*, o candidato deve disponibilizar dois porcos, uma ou duas caixas de cerveja, 2000 francos e cinco toras de lenha pela hospitalidade. No período pré-colonial, garrafas de cerveja de milho destiladas eram usadas no lugar da cerveja, que só veio a ser introduzida no período colonial pelos Laimbwe que trabalhavam nas *plantations* comerciais ao longo da costa do Camarões ou que eram envolvidos com o comércio de longa distância com outras cidades do Camarões, como Bafut, Bamenda, Guzang, Mamfe e Nkongsamba (Afuah 2008; Sei 2009). Aqueles que não conciliavam as disputas dentro de suas linhagens eram rejeitados pelos *ikuum* durante o ritual. A pureza de coração e a paz na linhagem eram e seguem sendo pré-requisitos para uma iniciação bem sucedida dos membros no *ikuum*. Bens materiais e dinheiro demandados dos membros não garantiam e nem garantem automaticamente a admissão da pessoa no *tschu-ituoh* até a confirmação ou rejeição durante o ritual.

Além disso, na morte de um membro *kuiifuai* as linhagens provêm o que é demandado e esperado em comida e dinheiro. Na morte de um membro qualquer, ou seja, um *tschai-epheh*, a família, atualmente, dá 5000 francos ao pai do *kuiifuai* para uma xícara de chá Ndong da linhagem Ehzem ou seu auxiliar, John Wakem, ainda de Ehzem no vilarejo Bu. Até umas duas décadas depois da independência, a quantia era menor, hoje o montante é de 7000 francos para o membro do *kooh* ou toca *tschu-ibhuh* e 15000 francos quando um membro *ikuum* morre. Antes da introdução do dinheiro ele não era enfatizado nos rituais e outras cerimônias, mas atualmente isso é diferente, pois muitos bens que eram demandados para a iniciação, como cabras, porcos, feijões e arroz são hoje vendidos por dinheiro e servem para construção de casas, pagar consultas médicas dos membros da família ou pagar mensalidade escolar das crianças.

Durante a celebração da “morte recente” para um membro *kuiifuai* qualquer, a família doa quatro cabras e dois sacos de sal – cada saco pode, tradicionalmente, representar uma cabra. No passado, o que importavam eram as cabras e o milho fufu com o qual a carne era consumida. Isso era/é feito para *ephéh ipheh*, ou seja, para postergar a celebração da morte aguardando a cerimônia final da morte um ano ou mais depois. Ademais, quando um membro do *kooh e ikuum* morriam, um porco era dado aos membros de sua casa para distração da família (Kahghesah 2007). Na maioria dos casos, eles dividem a carne crua e levam para a casa de suas esposas, irmãs, sobrinhos e mães. Se a carne for preparada no *kuiifuai*, mulheres na idade fértil não poderiam comer, pois eles acreditavam que elas não poderiam procriar.

Quando os *isaa'enduoh* acordam a data da celebração final de morte de um membro ordinário do *kuiifuai*, a celebração é geralmente organizada com cinco a oito cabras, um misto de cabras e sacos de sal e quarenta e sete pães de milho fufu. Para os membros da casa do *kooh*, os *isaa'enduoh* davam cinco cabras e dois sacos de sal. Se seu parente fosse um membro do *ikuum*, ao *wasa'enduoh* era solicitado oito cabras de aparência saudável, as quais poderiam ser cabras ou sacos de sal, uma vez que um saco de sal era considerado o mesmo que uma cabra (Ngai 2007; Kom 2008). Muitos pães de milho fufu eram preparados pelas mulheres do *isaa'enduoh* e presenteados para os membros do *kuiifuai* que os comiam com cabras ou porcos (Ngei 2008; Ndum 2008; Ndong 2008; Ngoi 2008; Ngowe 2008; Nyoo 2008). Enquanto as mulheres preparam a farinha de milho e o milho fufu em conjunto, os homens providenciam galinhas, cabras, porcos, carne seca, óleo e sal para a celebração. Atualmente, essas coisas ainda são fornecidas, mas há uma ênfase na tentativa de converter a maior parte dos produtos em dinheiro para facilitar a iniciação daqueles que não têm bens. Algumas coisas ainda são dadas em forma material por aqueles que ainda querem manter as tradições e os costumes. Os *kuiifuai* são uma em muitas instituições de homens Laimbwe, como os *mekuum*.

No geral, apesar de existirem variações nos preços da iniciação no *kuiifuai* do passado para o presente, hoje a iniciação nos povoados Bu têm seguido as seguintes características: o iniciante paga um saco de arroz - que, coincidentemente, existe em abundância na aldeia -, três cabras - uma das quais é fornecida pelo pai -, de três a cinco garrafas de cerveja - para o clube de *tsite'nduoh* (garotos de recado). Para o funeral, 10.000 francos são dados pelo anúncio de morte, duas galinhas para o *mebuuh* mascarado, duas galinhas para o *kembaikoh*, de três a quatro cabras, 60 ou mais pães de milho fufu. Durante a cerimônia de morte final, é dada uma lata de mel que é misturada a várias cervejas de milho, de três a quatro cabras e 60 pães

de milho fufu. A iniciação no *andzjom* envolve cinco galinhas, entregues durante o enterro, e uma galinha entregue na cerimônia de morte final ou no memorial. Amendoins são um acompanhamento. Pela acomodação dos *ikuum*, a iniciação envolve uma cabra, 2000 francos, cinco toras de madeira, dois galos, uma caixa de cerveja e durante o sepultamento é pedido a família um galo e 2000 francos. Nas celebrações de memória, uma cabra, 2000 francos, *kemuh* e uma maiz frita em pó (Muam 2001, 151).

O hábito de dar dinheiro durante os funerais não é limitado aos Laimbwe, pois entre os Roi-et-Province na Tailândia, durante os rituais fúnebres tradicionais, o dinheiro é inserido na cavidade bucal do defunto, geralmente de 5 a 10 Baht. Em alguns funerais, as pessoas inserem objetos pessoais como relógios, anéis, colares e dinheiro adicional no caixão. Fazendo isso, eles acreditam que o defunto terá como pagar a taxa para o inferno ou para o paraíso (Senaraj, Yodmalee, Potisam and Sohphohn 2008, 208). Aparentemente, as sociedades de máscaras no território Laimbwe têm utilizado o dinheiro de diversas formas para cumprir as obrigações de adesão.

### *Os Mekuum (Sociedades Mascaradas)*

A adesão ao *kekuum* (singular) no Laimbwe implica realizar um rito de passagem a vida adulta. Enquanto uma pequena parte dos *mekuum* (plural) são controlados pelo público em geral, uma grande parte deles são proprietário de *saa'tenduoh* e dirigidos por *zheh'nduoh* ou *zheh'abei*. Conforme os jovens homens crescem, se tornam maduros e casam, eles são admitidos no *kekuum* do *isaa'enduoh* ou entram na comunidade pagando taxas ou materiais. No passado pré-colonial dos Laimbwe, a iniciação dos homens no *mekuum* começava na infância com as contribuições materiais. Depois da era colonial, essa forma de iniciação se enfraqueceu parcialmente por causa dos cristãos e pela educação das crianças fora do território Laimbwe (Afuh 2007; Buhghebei 2007; Ebu 2007; Chief Kpwai II 2008; Ngeh 2008). A grande parte das crianças maiores e que rejeitaram o cristianismo procuravam pela iniciação uma vez que eles se descobriam a si mesmos. Eles fazem várias contribuições monetárias e de materiais para mudar de um grau para outro dentro das sociedades *mekuum*. Muitos meninos cristãos recusaram entrar nessas comunidades às descrevendo como satânicas, mas muitos deles que deixavam a igreja se uniram aos *mekuum* como os *libah* do Ehzem e a linhagem Eselemei em Bu e Mbengkas respectivamente. Alguns poucos pertencem aos dois, a igreja e ao *mekuum*.

Durante a Era pré-colonial até as primeiras décadas de independência, crianças de 5 a 10 anos, seus pares e colegas de idade se encontravam em um encontro de mascarados *mezhuuh*. Isto por que uma pessoa para ser

admitida em uma sociedade mascarada sênior deveria obrigatoriamente passar por um rito de passagem no *mezhuuh* com assistência material dos seus pais. Isto envolvia um pão de milho fufu com uma tigela de *eh'feghe* (okro - como uma sopa aquosa) ou uma levedura de inhame fervida, carangueijo/girino assado ou fervido ou uma sopa de pimenta e peixe (Muam 2001, 150). Durante o período de luto a mesma taxa era solicitada, pois não havia cerimônia para as crianças que morriam. Com a monetarização da economia no período colonial em frente, isso tem envolvido moedas, normalmente, somam menos que um dólar. O montante é pedido pelos anciãos para seu próprio bem estar depois do fim da reunião do *mezhuuh*.

De fato, a iniciação no *mezhuuh* era e tem se mantido relativamente simples em termos de contribuições financeiras e materiais. O menino que solicita a entrada ganhava milho fufu e vegetais ou carne para o entretenimento. Esse clube não era e nem é exclusivo, pois tanto faz se os jovens garotos são cristãos ou não, eles ingressam. Embora seja uma simples sociedade mascarada, os *mezhuuh* não podem ser ridicularizados ou atacados por qualquer pessoa grande ou pequena. Se isso acontecer, uma multa em cabras, galinhas e dinheiro é cobrada como uma medida corretiva. No período pré-monetário, as multas *mezhuuh* nunca incluíam dinheiro, mas hoje o dinheiro é exigido.

Após a iniciação no *mezhuuh*, o menino torna-se qualificado a adesão na *fehndzje*, uma sociedade mascarada para jovens garotos. A iniciação durante o período não-monetário era feita em materiais como as outras *mekuum* e *mezhia*. O uso do dinheiro na iniciação tornou-se comum depois da independência quando os jovens garotos pagavam uma taxa de 100 francos e entre 1 à 10 galinhas para cada sociedade mascarada que eles escolhessem (Muam 2001, 150). Hoje, as coisas materiais usadas para sancionar a adesão plena a qualquer sociedade mascarada ou outra tem declinado muito, enquanto o dinheiro tem os substituído. Quanto mais dinheiro e quanto mais status social a pessoa tiver, maiores taxas elas podem pagar e, assim, tornam-se atrativos para as comunidades em detrimento das pessoas mais simples e pobres. O custo de um sepultamento dos membros de uma linhagem na *nduoh'ehveh* (casa de celebração da morte) era de 30 ou mais galinhas ou 5 galinhas e 1250 francos, incluindo outra galinha para a sociedade de mascarados (Muam 2001, 150). Entretanto, para algumas modificações durante a cerimônia final da morte, o pagamento em termos monetários e em contribuições materiais são os mesmos. A validade do dinheiro faz com que algumas linhagens comprem mais vinho, vinho de palma, cerveja de milho e cerveja para divertir a comunidade.

O divertimento geral de uma comunidade varia de pessoa a pessoa e de seu status. Isso pode envolver de 10 a mais de 200 galinhas

(ou uma representação de 50 francos por galinha) (Ambei 2007; Ngai 2007). A quantidade de galinhas determina o status social das pessoas e pode promovê-la para diferentes níveis sociais na comunidade. As duas coisas dadas na cerimônia incluem o *baike'ibeh* e o *teh'ndom*. O primeiro é dado imediatamente após o enterro da pessoa e o segundo em seguida. Composto por dinheiro e comida, é dado como parte do *baike'ibeh*. A cabra que normalmente é entregue, agora pode ser dada na forma de um saco de sal que é igual a uma cabra no meio tradicional e é dividida com as pessoas presentes. Durante a cerimônia final de enterro, o *zeike'duoh* e *teh'ndom* são apresentados. Contudo poucos estão na forma de galinhas, a maioria é dada em dinheiro que é usado com diversos propósitos no desenvolvimento das pessoas e da comunidade.

A iniciação das pessoas no *mekuum* no período pré-colonial até a primeira década da independência começavam do nível do bairro e iam até a cidade inteira, encorajados e apoiados por familiares com material e dinheiro. Depois disso, procuravam iniciação em outros grupos *mekuum* de outros bairros ou linhagens e em outro *ehzhia* (singular), os *mezhia* (plural). Era sempre uma honra para uma pessoa ser apresentada pelo seu pai para os *mekuum* ou para os *mezhia* com apoio material e financeiro. Ao mesmo tempo, peixe ou carne eram disponibilizados para as mulheres e milho fufu era preparado para distrair homens e mulheres no composto de *kieteh* ou no lugar de *fuai*. Na falta de cabras, cinco galinhas às substituíam (Afuh 2007; Ebuoh 2007; Ibo-oh 2008; Ikai R 2008; Ikai Z 2008; Kendang V 2008; Mukoi 2008; Nding 2008; Ngwa 2008). No entanto, era uma honra entregar uma cabra nessa cerimônia de aniversário. Depois da independência, algumas galinhas eram pedidas e o restante foi convertido em dinheiro e entregue para os mais velhos dependendo do nível alcançado pelo iniciante.

De fato, os homens realizavam o ritual *kezewai* quando suas esposas davam a luz ao seu primeiro filho. A cerimônia do *kezewai* envolvia contribuições de uma cabra e, depois da independência, 500 francos (pouco mais que um dólar) era entregue a fim de representar uma cabra. Após o *kezewai*, 15 galinhas ou seu equivalente em dinheiro durante o período colonial e pós era disponibilizado pelo adulto. Desde a independência a soma de 50 francos CFA era equivalente a uma galinha. Essas 15 galinhas eram apresentadas como *nduoh* ou casa (Afuh 2007; Ambei 2008). Isso era feito para mostrar aos mais velhos que esse homem havia chegado a idade adulta e que agora poderia andar e conversar com eles.

A construção de uma casa e seu ritual de abertura eram o marco de maturidade de um homem de qualquer tribo Laimbwe. Além disso, para o ritual *itschuoh* 5 galinhas eram entregues, totalizando 20 galinhas. Durante as primeiras duas décadas da independência até o final da década de 1980,

essas coisas eram feitas com dinheiro. Esse dinheiro era compartilhado entre aqueles que tinham postos superiores nas comunidades (Kom 2008). A quantidade de dinheiro ou as coisas materiais que eram pedidas durante os rituais variavam de quarteirão para quarteirão, de *isaa'enduoh* para *isaa'enduoh*, de uma vila Laimbwe para outra. A iniciação no *mekuum* do *isaa'enduoh* geralmente tinham prioridade frente aquelas do quarteirão, outras *saa'tenduoh*, da cidade ou do grupo étnico como um todo. Entre os Laimbwe, geralmente se acredita que, hoje, a iniciação nas sociedades são mais custosas em termos monetários em Bu do que em Mbengkas e Baisso, por causa da acessibilidade e da maior influência externa dessa cidade do que das outras duas Laimbwe.

No geral, a qualificação do *mezhia* proveniente do cumprimento de certas obrigações destacadas entre as quais a apresentação do *mendeng* para o pai. Isso era quando a pessoa construía sua própria casa, tinha animais domésticos e outros bens silvestres em seu complexo, incluindo bananas, pêras, laranjas, mangas, goiabas e outras árvores de frutas (Kahghesah 1997; Ambei 2008). Quando o pai se sentia satisfeito com os feitos de seu filho e sua maturidade, o pai pedia ao filho que ele apresentasse o *mendeng* como era exigido pela tradição. Hoje, não há uma preocupação necessariamente com os bens silvestres encontrados no terreno do filho, mas com sua habilidade de fazer qualquer tipo de negócio e de se tornar rico e responsável. Atualmente, muitos jovens oferecem o *mendeng* em dinheiro aos seus pais. O dinheiro facilitou o processo de prover a família.

Nos tempos atuais, o *mendeng* que até aqui era em forma de contribuição material, tornou-se dinheiro, quase equivalente a 5000 francos CFA ou menos (cerca de 11 dólares) com vistas a manter a tradição. De acordo com o povo Laimbwe, esse ritual de *mendeng* garante o jovem de bênçãos do pai. Carne era também oferecida para os membros da *ehzhia* como entretenimento. Esse ritual abre os caminhos da criança para a corrida da iniciação no *mezhia* como o *kekikum*, *ndonyi*, *mekwasuu*, *kuumkengang*, *phesooh*, *libah kekuleh*, *leh'atang* e *tschong*. O que muda no processo de iniciação do *ehzhia* de antes para o de hoje é quantidade de dinheiro. Além disso, coisas que antes eram entregues em material, hoje estão divididos entre coisas e dinheiro. Entre essas coisas estão óleo de mamona, galinhas e cabras.

A iniciação em diferentes *mezhia* envolvem despesas em diferentes estágios. Os níveis mais básicos, como fazer o pagamento da entrada no *libah*, por exemplo, o novo membro entrega o dinheiro aos *tehmbang*, que são duas estacas bem decoradas que representam o homem e a mulher, usados para representar a chegada dos mascarados e seu grupo de dançarinos soprando flautas. As moedas desses *tehmbang* são sempre dadas

a um antigo membro dos sêniores da sociedade e depois divididas entre todos (Ebuh 2007; Bong 2008).

Após a declaração de intenção, é dito ao candidato a adesão quanto ela custa em termos monetários, peixe, galinhas, sal, cabras ou outros itens que devem ser completamente incorporados ao *libah*. Isso implica em mover-se de um estágio a outro ao longo da vida. A posição social é medida de status e influência na sociedade. Membros que queiram posições mais altas para comandar o respeito dos demais devem trabalhar dia e noite e também solicitar a assistência material e financeira de suas irmãs, irmãos, mães e tios. Tal suporte, atualmente, é baseado na contribuição de cada um para a união e crescimento da linhagem. Se o homem falhar na contribuição para o progresso da linhagem, ele não será apoiado material e financeiramente quando ele estiver buscando admissão no *mezhia*.

Muitos desses *mezhia* tiveram sua importância reduzida devido a uma combinação de fatores. Alguns dos antigos membros no Bu, por exemplo, argumentam que é uma forma sutil de dominação matrilinear dos grupos para sempre subjugar os *saa'tenduoh* menores e menos influentes e ditar o ritmo dos eventos na cidade por meio da extorsão de dinheiro (Afuh 2007). Ademais, outros donos de máscaras estão desiludidos com os jovens por conta de seu manuseio egoísta dos presentes materiais e do dinheiro que vem após a celebração da morte ou de um funeral na cidade.

Muitos deles assam as galinhas que foram entregues durante a celebração e dividem o dinheiro entre si e não deixam nada para os donos ou ações da *ehzhia*. Com raiva, no entanto, os donos e os outros anciãos decidiram manter os mascarados no teto e, em alguns casos, decidiram abandoná-los. Além disso, as vestimentas de alguns *mekuum* se deterioraram, o que resultou na impossibilidade dos mascarados de animar os membros da família durante as celebrações da morte, como acontecia antes da independência do Camarões em 1960/61.

Em outros casos, os *zhehtebei* são inexperientes e não têm vontade de aprender. Logo após, eles assumem a posição de administrador da propriedade da linhagem como *zhehtebei*, ao invés de melhorar o que eles sabiam, eles tiveram uma posição ingênua e irresponsável e se recusaram a aprender e se associar com os anciãos. Além disso, eles também usaram de sua inclinação religiosa para abandonar os mascarados de sua linhagem que antes eram reverenciados. Outros sucessores são proprietários ausentes que falam muito e fazem pouco. As propostas realizadas para que eles melhorem o *kekuum* das linhagens não são levados a cabo. O dinheiro levantado com esse propósito pelos membros da linhagem são cuidadosamente desviados para ganhos pessoais. O “rei dinheiro” como eles o chamam, veio para criar problemas para algumas sociedades ao invés de resolvê-los. Fora dos

costumes masculinos, existem costumes femininos de status e notabilidade.

### A *Kefa'a*

A *kefa'a* é uma sociedade de mulheres anciãs nas cidades Laimbwe que ficam sob a liderança da *zhehfuai* ou rainha mãe. As linhagens da região possuem *kefa'a*. Nas cidades Laimbwe, as principais linhagens que possuem *ehfa'a* (plural) são as Ehzem, Eselemei, Ukwosuuh e Nduokang (Ngoisey 2008; Izhoi 2008; Kule 2008; Mbei Ikai 2008). As outras linhagens são simplesmente membros participantes da sociedade. A adesão à *kefa'a* é feita a partir de uma cerimônia de iniciação. Hoje, muitas jovens mulheres estão desinteressadas, pois para elas a entrada na *kefa'a* subordina-as às linhagens que possuem e às pessoas que controlam a sociedade, além disso, implica em muitas despesas.

Quando as mulheres de uma linhagem pertencente a *kefa'a* estão se apresentando em público, elas podem ser identificadas pelos anéis de diferentes cores usados na cabeça. Esses instrumentos poderiam ser comprados com a libra (no período colonial) ou com o franco CFA (no período pós-independência) ou por herança da mãe ou da avó. Algumas mulheres compram o material de Bamessing no Ndop e as miçangas no mercado ou, como no passado, na Nigéria, por meio de comerciantes ou contrabandistas. Mais recentemente, as miçangas eram trazidas para a mulher pelos comerciantes Hausa. Os cilindros hoje em dia são procurados pela vizinhança Fundong na Divisão Boyo na região noroeste do Camarões (Ngoisey 2008; Mbei Ikai 2008; Ekai 2008; Nyoooh 2008). A madeira de sândalo é um condimento muito valorizado que por muito tempo foi importada da região sudoeste do Camarões por causa da abundância dessa árvore nessa parte do país.

Para qualquer pessoa ser admitida na comunidade *kefa'a*, a assistência da avó paterna ou irmã (tia paterna) era solicitada. Se a tia rejeitar sua admissão, a mulher não pode ser iniciada. Do período pré-colonial até os anos iniciais da independência, a iniciação se dava em dois estágios. O primeiro estágio era a oferta de uma lata de óleo e três ou quatro carnes secas selvagem. Atualmente, uma quantidade considerável de carne de gado seca é oferecida por conta da escassez de carne selvagem. Na segunda fase, a integrante trazia a *kefa'a* a *keh'tia* colhida ou sopa de pimenta que era a combinação de uma lata de óleo, um saco de sal, três pedaços de carne seca e uma boa quantidade de carne selvagem para o entretenimento e distribuição (Ngoisey 2008; Mbei Ikai 2008; Ekai 2008). Essas coisas, hoje, são trocadas por dinheiro uma vez que apenas algumas pessoas estão envolvidas com a produção de óleo de palma na cidade de Laimbwe.

Na morte de uma *kefa'a*, sua linhagem matriarcal faz alguma das seguintes coisas. Em primeiro lugar, a líder das *kefa'a* (que era geralmente a integrante mais velha) era informada. O anúncio oficial no período colonial eram com poucos xelins, mas atualmente está em 1000 francos, substituindo os xelins e os presentes dados no passado. Durante a cerimônia de morte de um membro, as mulheres *kefa'a* são presenteadas por duas bacias de milho fufu e um pacote de girinos ou tilápias secas, pela manhã e pela noite, respectivamente (Izhoi 2008; Ngoisey 2008; Mbei Ikai 2008). Após isso elas festejam com cinco bacias de milho fufu e cinco sacos de girinos representando o *koh-afa* (o instrumento que tira as *kefa'a* do fogo), *zhe-eh-afa* (o despertar das *kefa'a* pela manhã), *mbwe-keh-afa* (o adormecer da *kefa'a*). Esses são os três níveis de entretenimento conhecidos para os membros da *kefa'a* atualmente. Algumas das coisas, como os girinos, estão escassos atualmente e, por isso, são muito caros.

Outras coisas ofertadas à *kefa'a* são uma lata de óleo e um saco de sal para a distribuição. Algumas linhagens doam muito mais que necessário durante as cerimônias de morte. Contudo, existem pequenas diferenças entre o que é doado nas três cidades Laimbwe do Bu, Baisso e Mbengkas. Geralmente o que é doado vem da família da integrante mais antiga do *kefa'a*. Algumas pessoas criticam as comunidades, baseadas no fato de que muitas das coisas materiais doadas podem ser compradas por dinheiro, tornando-a muito custosas. Contudo, existem diversas associações de mulheres e clubes no quais as mulheres não podem ser alistadas caso elas não tenham sido uma *kefa'a* de prestígio.

### *Zhiamehzele (Clubes e Associações de Mulheres)*

Além da sociedade regulatória de mulheres *kefa'a*, existem outras sociedades *zhiamehzele* no Laimbwe servindo a diferentes propósitos, entre os quais estão as *ketaah*, *keseem ndzjang* e *fembweih*. Alguns dos clubes são dirigidos diretamente por interesses particulares das linhagens. O *fembweih* está sob controle do Ehzem, Eselemei e Nduokang nas cidades de Laimbwe. Sua adesão é aberta e executada quando um adulto, homem ou mulher, morre. Por outro lado, o *ndzjang* está bem estabelecido, devido a quantidade de homens interessados em suas fileiras. A força desse clube está na sua habilidade de unir os filhos do palácio com sua liderança nos *Mbengkas* (Ngei 2008; Ngoi 2008; Ngwa 2008; Ewi 2008). Na aldeia Bu, o *ndzjang* não necessariamente tem conexões com o palácio, mas segue popular entre seus membros. Os outros clubes, *zhiamehzele* como o *ketaah* e o *keseem*, seguem sendo clubes para as mulheres expressarem suas capacidades de promover entretenimento e alívio ao sofrimento dos integrantes da comunidade. Elas reúnem mulheres de diferentes linhagens e idades para manter os valores

de sua aldeia e linhagem por meio dessa proeza. A entrada nesses clubes é feita por meio monetário ou por outras contribuições quando necessário. Assim, o gasto não é tão elevado e, além disso, aquelas que não conseguem manter a participação na *kefa'a* se unem a outros grupos.

## Conclusão

Concluindo, em sociedades masculinas e femininas do grupo étnico Laimbwe da região noroeste do Camarões, a iniciação era uma marca da chegada a idade adulta, uma marca de status e influência na comunidade. Esse estudo evidencia que durante o período pré-colonial, o rito de passagem era determinado pela acumulação e provisão material. Muitas pessoas eram auxiliadas por membros de sua linhagem e por amigos para conseguir uma grande quantidade de materiais que eram requeridos pela iniciação nas sociedades *kuiifuai*, *kefa'a*, *zhiamehzele*, *mezhuuh*, *libah* e outras. As marcas de identidade e de status eram todas determinadas pelas riquezas que as pessoas possuíam e pela vontade de doá-la durante a iniciação.

A administração colonial iniciada pelos alemães em 1884 introduziu o dinheiro como um intermediário nas trocas e como uma medida de valor. Contribuições materiais ainda estão imensamente disponíveis, mas algumas demandas são feitas em dinheiro. Vale a pena notar que alguns materiais, como o arroz, foram introduzidos de fora com o comércio externo e passaram a ter um papel preponderante na política econômica dos povos Laimbwe. Após a independência, o dinheiro tem ganhado mais importância nas cerimônias, até mesmo alguns materiais como porcos e mel são comprados com dinheiro de outras aldeias vizinhas. Muitos dos anciãos precisam de dinheiro e não de contribuições materiais por conta dos projetos de desenvolvimento das comunidades, como a construção de centros de saúde, escolas, galerias e igrejas. Assim, o dinheiro têm impactado fundamentalmente no processo de iniciação e de divertimento das pessoas em terras Laimbwe, bem como em todo o Camarões.

## REFERÊNCIAS

- Amaazee, V.B. 1964. The Traditional History of Bu, Wum Division. It's Like This: Essays on Traditional and Church History, Social Structure and Other Aspects of Life in Various Tribes in West and East Cameroon vol. 2.
- Chilver, E.M. and Kaberry, P.M.. 1970. Chronology of the Bamenda Grassfields. *The Journal of African History*, 11, 2, 249-257;

- Falola, Toyin. 1997. Manufacturing Trouble: Currency Forgery in Colonial South Western Nigeria. *African Economic History*, 25, 121-147.
- Fanso. V.G. 1989. Cameroon History for Secondary Schools and Colleges Vol. 1: *From Pre-historic Times to the Nineteenth Century*. London: Macmillan.
- Fowler, I. and Zeitlyn, D. 1996. Introduction: The Grassfields and the Tikar. In *African Crossroads: Intersections between History and Anthropology in Cameroon* edited by Ian Fowler and David Zeitlyn, 1-16. Oxford: Berghahn Books.
- Gufler, H. 1995. Yamba Spider Divination. *Journal of the Anthropological Society of Oxford*, xxvi, 1, 43-67.
- Hamisu, D. R. I. 2000/I. Customary Bride-Price in Cameroon: Do Women Have a Say? SAFERE: Southern African Feminist Review, 4, 2/ 5, 1, 65-71.
- Ikpe, E. B. 2004. *Human Sexuality in Nigeria: A Historical Perspective*. Lagos: Africa Regional Sexuality Centre (ARSRC).
- Jeffreys, M.D.W. 1940. *Village Names and Tribal Migrations*. Man, 40, 32.
- Jeffreys, M.D.W. 1952. Who are the Tikars? *African Studies*, 23, 3 and 4, 141-153.
- Kratz, C A. 1997. Initiation and Transition Rites: Overview. In J. Middleton (Ed. in Chief), *Encyclopedia of Africa South of the Sahara* Vol. 2, 378-82. New York: Charles Scribner's Son.
- Lah, M.K. 1989. *Discover Mbengkas and Generalities on Laimbwe Villages: A Geographical and Historical Introduction*. n.p.
- Latour, C.-H. P. de. 1995. The Initiation of the Dugi among the Pere. *Journal of the Anthropological Society of Oxford*, xxvi (1), 81- 6.
- Mafiamba, P.C. 1969. *Notes on the Polyglot Populations of Nkambe*. ABBIA: Cameroon Cultural Review, 21, 59-90.
- Moore, H. L. and M. Vaughan. 1994. *Cutting Down Trees: Gender, Nutrition and Agricultural Change in the Northern Province of Zambia, 1890-1990*. London: James Currey.
- Muam, A. 1999. *The Laimbwe People and their Culture: Traditional way of Solving Conflict*. Lecture Presented at the Ecumenical Youth Peace Initiative Commission Seminar Workshop at Bu, 20 April.
- Muam, A. 2001. *Traditional Structures and Political Evolution: A Case Study of Bu Chiefdom*. Bamenda: Quality Printers.
- Ngwoh, V.K. 2006. *Esu and Her Neighbours: A Geopolitical History of the Esu People*. Yaounde: Bookhouse.

- Nkwi, P. N. 1987. *Traditional Diplomacy: A Study of Inter-Chiefdom Relations in the Western Grassfields, North West Province of Cameroon*. Yaounde: Department of Sociology.
- Ohta, I. 2007. *Marriage and Bride wealth Negotiations among the Turkana in Northwestern Kenya*. African Study Monographs, 37, 3-26.
- Onwuejeogwu, M. A. 1992. *The Social Anthropology of Africa: An Introduction*. Ibadan: Heinemann.
- Peters-Golden, H. 1997. *Culture Sketches: Case Studies in Anthropology* Second Edition. London: McGraw Hill.
- Quarcoopome, T.N.O. 1987. *West African Traditional Religion*. Ibadan: African University Press.
- Senaraj, S., Yodmalea, B., Potisam, S. and Sohphohn, P.S.. 2008. *Local Knowledge and Beliefs of Traditional Funeral Rituals in Roi-et Province Thailand*. The Social Sciences, 3, 3, 207-210.
- Shultz, G. 1993. *Kom Linguistic and Sociolinguistic Survey*. Yaounde: Societé Internationale de Linguistique.
- Vansina, J. 1990. *Paths in the Rainforests: Toward a History of Political Tradition in Equatorial Africa*. London: James Currey.
- Yiridoe, E. 1995. Economic and Socio-Cultural Aspects of Cowrie Currency of the Dagaaba of Northwestern Ghana Aspects. *Nordic Journal of African Studies*, 4 (2), 17-32.

## ENTREVISTAS

- Ache, L. 2008. Personal Communication. Mbengkas, January 8.
- Afuah, C. 2008. Personal Communication. Bu, January 13.
- Afuh, W. 2007. Personal Communication. Bu, December 23.
- Akou, N. 2008. Personal Communication. Mbengkas, January 10.
- Ambei, J. 2008. Personal Communication. Bu, January 10.
- Asang (Rev.), S.M. 2008. Personal Communication. Bu, January 7.
- Boi, J. K. 2008. Personal Communication. Baisso, October 13.
- Bong, A.T. 2008. Personal Communication. Bu, December 27.
- Buh, S. 2008. Personal Communication. Baisso, October 15.
- Buhghebei, D. 2007. Personal Communication. Bu, December 23.
- Cheng (Rev.), E.N.G. 1996. Personal Communication. Wum, March 20.
- Chief Kpwai II C. T. 2008. Personal Communication. Mbengkas, January II.
- Ebuh, T. 2007. Personal Communication. Bu, December 27.

- Ekai, S. 2008. Personal Communication. Mbengkas, January 7. Owner of kefa'a
- Ewi, M. 2008. Personal Communication. Mbengkas, October 10.
- Ibo-oh, F. 2008. Personal Communication. Mbengkas, January 7.
- Ikai, R. 2008. Personal Communication. Mbengkas, October 10.
- Ikai, Z. 2008. Personal Communication. Baisso, October 14.
- Izhoi, 2008. Personal Communication. Bu. December 29. Owner of kefa'a
- Kahghesah, H. 1997. Personal Communication. Bu, March 1.
- Kendang, T. 2008. Personal Communication. Bu, January 10. Owner of tschong.
- Kendang, V. 2008. Personal Communication. Bu, December 27.
- Kom, A. 2008. Personal Communication. Bu, January 10. Custodian of Kuiifuai of Bu.
- Kpwa, V. 2008. Personal Communication. Bu, January 10. Fuaifuazheh of Bu.
- Kpwai, F. 2008. Personal Communication. Mbengkas, January 8.
- Kule, W. (008. Personal Communication. Mbengkas, January 9.
- Mbei Ikai, 2008. Personal Communication. Bu, December 27.
- Muhnjang, Y. 2008. Personal Communication. Mbenkgas, January 10. Quarter Head of Mbwaikumeh.
- Mukoi, J. 2008. Personal Communication. Mbengkas, October 10.
- Ndang, C. 2007. Personal Communication. Bu, December 23.
- Ndong, D.Z. 2008. Personal Communication. Bu, December 31.
- Ndong, T. 2008. Personal Communication. Bu, December 29. Owner of tschong.
- Ndum, F. 2008. Personal Communication. Mbengkas, October 10.
- Ngai, A. 2007. Personal Communication. Bu, December 24.
- Ngeh, M. K. 2009. Personal Communication. Mbengkas, January 8.
- Ngei, E. 2008. Personal Communication. Baisso, October 14.
- Ngoh, J. 2008. Personal Communication. Mbengkas, January 9. Quarter Head of Inaai-kom.
- Ngoi, R. 2008. Personal Communication. Baisso, October 16.
- Ngoisey. 2008. Personal Communication. Bu, January 7.
- Ngong, F. 2008. Personal Communication. Mbengkas, January 8.
- Ngong, M. 1997. Personal Communication. Bu, March 1.
- Ngowei, V. 2008. Personal Communication. Bu, October 6.

- Ngwa, J. 2008. Personal Communication. Baisso, October 12.
- Nyoooh, J. 2008. Personal Communication. Mbengkas, October 10.
- Sei, M. 2009. Personal Communication. Mbengkas, January 7. Key member of kuiifuai.
- Tsche, P. A. 2007. Personal Communication. Bu, December 27.
- Tschi, N. 2008. Personal Communication. Mbengkas, January 8.
- Wakem, J. 2007. Personal Communication. Bu, December 27. Chief Priest of libah.
- Wei, V. 2009. Personal Communication. Bu, January 6.
- Zoh, G. 2009. Personal Communication. Mbengkas, January 8.

## RESUMO

A chegada dos europeus a Camarões no século XV e a introdução da moeda ocidental como um padrão de intercâmbio e uma medida de valor, passa a substituir outras moedas indígenas. Isso teve um impacto na iniciação das sociedades camaronesas, incluindo os Laimbwe da região noroeste. Organizações de homens e mulheres eventualmente começaram a utilizar essas moedas durante os rituais de iniciação. Entre essas comunidades estão incluídos *nwerong*, *ngiri*, *ngumba*, *takembeng*, *ndofoumgbui*, *kwifoyn* (também *kwifo'o*, *kwifeu*, *kuiifuai*) *kefa'a*, *tschong*, *libah* e *ikuum* nas regiões pastoris e Liengu, *male*, *ahon*, *muankum*, *nganya*, *monekim*, *ekpe* e *obasinjom* na região de florestas de Camarões. Antes da introdução do dinheiro existiam algumas moedas locais, como búzios, que eram usados juntamente com provisões materiais, como cabras, porcos, galinhas e carne selvagem. Porém, o dinheiro tornou-se eventualmente uma medida de valor, status e uma provisão de riqueza entre os Laimbwe. Esse artigo examina como e por que a introdução do dinheiro na iniciação e em outros rituais levou ao surgimento de uma nova classe social e ao reforço de uma ordem político-social dos povos Laimbwe. O estudo consiste em discussão com membros das sociedades, observações e análise de materiais escritos.

## PALAVRAS-CHAVE

Monetização; Camarões; Rituais.

*Recebido em 11 de novembro de 2017.*

*Aprovado em 11 de janeiro de 2018.*

*Traduzido por Caroline Assis*